



## UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM ALDEIAS KARAJÁ

Maristela Sousa Torres<sup>1</sup>

Esse artigo faz parte da pesquisa de doutorado em antropologia, que desenvolvo nas aldeias Karajá, e tem como objetivos observar quais são as mudanças que estão ocorrendo na vida da família e da mulher em aldeias Karajá, principalmente no que se refere às questões da violência intrafamiliar.

Ao longo da história percebe-se que a relação de gênero formada por homens e mulheres é norteadada pelas diferenças biológicas, geralmente transformadas em desigualdades que tornam o ser mulher vulnerável à exclusão social.

Na maioria das vezes, a exclusão que atinge a mulher dá-se simultaneamente pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça, e, assim sendo, torna-se difícil atribuí-la a um aspecto específico desse fenômeno, em vista de combinar vários dos elementos da exclusão social. Desse modo, mais que qualquer outro assunto ligado ao feminino que se deseja analisar, dificilmente se poderá compreender a exclusão particular da mulher sem antes conhecer o fenômeno da exclusão e suas formas de manifestação.

De acordo com Rosaldo (1979:33), somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem.

As discussões acerca dos direitos das mulheres e da violência intrafamiliar, no âmbito das populações indígenas brasileiras, são muito recentes. As primeiras organizações de mulheres indígenas no Brasil foram criadas na década de 1980, a Associação de mulheres indígenas do Alto Rio Negro (Amarn) e a Associação de Mulheres Indígenas do Distrito de Taracará, Rio Uaupés Tiguié (Amitrut). As demais foram constituídas a partir da década de 1990. No ano de 2002, na Assembléia da Coiab – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, realizada em Santarém-PA, as mulheres indígenas reivindicaram um espaço específico para as demandas das mulheres indígenas, porém, somente em 2002, no I Encontro de Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira, foi criado o Departamento de Mulheres Indígenas (DMI/Coiab), com o objetivo de

---

<sup>1</sup>Maristela Sousa Torres, é mestre em educação pela UFMT e doutoranda em Antropologia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC São Paulo– Endereço, Rua 1200, Q. 23, C. 09 – Jardim Imperial – Cuiabá/MT. E-mail: [istelamaris@hotmail.com](mailto:istelamaris@hotmail.com)



defender os interesses e direitos das mulheres indígenas, no âmbito local, regional, nacional e internacional.

Em Mato Grosso, através da realização de encontros e oficinas, no ano de 2000, as mulheres indígenas começaram a buscar apoios para se organizar, e para discutir sobre os principais problemas que afetam sua vida, dentre eles a violência intrafamiliar e de gênero

O povo Karajá cuja autodenominação é Iny, ou seja, "nós", "povo autêntico", pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê, se divide três sub-grupos e três línguas: Karajá, Javaé e Xambioá. Cada uma delas tem formas diferenciadas de falar de acordo com o sexo do falante. Apesar destas diferenças, todos se entendem. Em algumas aldeias como em Xambioá (TO) e em Aruanã (GO), devido ao processo do contato com a sociedade nacional, o português tem sido dominante.

Os Karajá têm o rio Araguaia como um eixo de referência mitológica e social. O território do grupo é definido por uma extensa faixa do vale do rio Araguaia, inclusive a maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal. Suas aldeias estão preferencialmente próximas aos lagos e afluentes do rio Araguaia e do rio Javaés.

Atualmente algumas aldeias Karajá localizam-se próximas de cidades como São Félix do Araguaia, Luciara e Santa Terezinha, fator que vem causando muitas mudanças na vida das famílias Karajá e principalmente favorecendo a entrada de bebidas alcoólicas e outras drogas, o que conseqüentemente, tem sido fator de aumento de casos de violências intrafamiliar e domestica.

Antigamente a vida do casal era melhor, a convivência da mulher com o marido era melhor porque viviam todos juntos, o genro com a filha morava na casa dos sogros, juntos até quando eles tinham 01 filho 2 filhos, 3 filhos. Ai dividia pra fazer outra família, ai não brigavam muito, o marido não podia bater na mulher não, a traição também não podia não, se não ele apanhava do sogro (Mulher Karajá, aldeia Krekawã).

Falar sobre a violência intrafamiliar ou doméstica e violência sexual, que ocorrem em aldeias Karajá não é um tema fácil, constitui-se um campo complexo que exige a busca de compreensão de aspectos cosmológicos, antropológicos, subjetivos e sociais, dentre outros.

Sobre o ponto de vista da sociedade nacional, entende-se por violência doméstica ou intrafamiliar, toda a ação ou omissão que prejudique o bem-estar ou integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito do pleno desenvolvimento de um membro da família.

Em se tratando de povos indígenas, mais especificamente do povo Karajá, é preciso olhar a questão da violência intrafamiliar e sexual, sobre o prisma das relações de poder assimétricas entre homens e mulheres. Uma assimetria que em muitos casos está ancorada em construções simbólicas advindas de tempos remotos, tendo os mitos e ritos como um elemento que normatiza práticas que se perpetuam ao longo da vida e que muitas vezes atingem a mulher Karajá no seu dia-a-dia,



conforme Junqueira (2002:44), no mundo indígena os relatos míticos desempenham um papel conservador ao ajudar a perpetuar modelos de comportamentos úteis ao grupo de maior poder. A autora destaca ainda que na maioria das comunidades a assimetria social mais acentuada ocorre entre homens e mulheres. E nas aldeias Karajá percebe-se essa assimetria uma vez que a mulher não pode circular em muitos espaços que são de exclusividade masculina, principalmente quando se trata da casa e festas dos Aruanãs, que estão diretamente ligados ao mundo dos espíritos e na festa dos Hetohory, associada a dois elementos que são assuntos também de exclusividade masculina, a relação com o universo espiritual e com os ritos de iniciação dos meninos.

A questão da violência doméstica contra a mulher Karajá é uma das principais problemáticas que elas enfrentam em decorrência do contato com a sociedade não-índia. Gerada, quase sempre em função do uso de bebidas alcoólicas e outras drogas.

Em Macaúba, por sua localização próxima à cidade de Santa Terezinha, observa-se que há uma mudança significativa na vida das mulheres, principalmente quando se refere às questões da violência. Em quase todas as minhas idas a Macaúba, ao chegar à aldeia, me deparei com homens e mulheres bêbados, algumas idosas, mas na grande maioria, meninas jovens e adolescentes. Também nas conversas e entrevistas as pessoas relatam que há um grande consumo de outras drogas como gasolina com creme dental, gasolina pura, maconha e cocaína, que são utilizadas principalmente por jovens e adolescentes de ambos os sexos.

Nós fizemos uma reunião em Macaúba no dia 20 de setembro, lá a situação está muito difícil, tem muito bêbado e usuários de drogas, de maconha, e também muitos meninos e meninas cheirando gasolina. Já houveram duas pessoas queimadas, eles ficaram bebendo *koran* (pinga) e cheirando gasolina, aí o outro bêbado veio pedir e eles não quiseram dar, aí ele botou fogo neles (Mulher, 44 anos Aldeia Txalá).

Cheguei a Macaúba após cerca de 10 dias desse acontecimento e pude ver o corpo de uma das meninas cheio de queimaduras. Havia também uma casa queimada que segundo o pessoal da aldeia, o incêndio teria acontecido quando um grupo de rapazes entrou a noite pelo teto, estavam tomando gasolina e um deles acendeu um esgueiro, o que provocou o incêndio.

Quando não encontram a cachaça, bebem gasolina e álcool.

Eles cheiram muita gasolina, eles ficam doidos, doidos, eles ficam loucos as vezes eles entram na canoinha vão pro meio do rio e deixa a água levar a canoa, aí as vezes eles cobrem a cabeça com um pano, também por causa do sol e ficam lá embaixo cheirando, tem umas meninas que ficam com eles cheirando também. Eles também bebem gasolina, bebem álcool quando não tem álcool eles vão na gasolina. Nós paramos de levar álcool para o posto de saúde. Eles arrebentaram a porta de lá pra entrar, eles subiam por cima e entravam no posto, tudo isso por causa de um litro de álcool. Então nós paramos de levar álcool pra lá por causa deles (Auxiliar de enfermagem não indígena, aldeia Macaúba).



A maioria dos casos de agressões físicas às mulheres é praticada pelos homens quando estão bêbados, muitos ficam extremamente agressivos e podem bater em quem encontrar pela frente, até mesmo em suas próprias mães. Presenciei muitas vezes homens bêbados entrarem em suas casas e as mulheres e crianças saírem correndo e ficarem escondidos nas casas de outras pessoas ou no mato.

Quando os homens estão bêbados eles batem nas mulheres, também não importa se é mulher dele, se é irmã, se é mãe, eles batem mesmo. Há uns dois meses atrás um bateu na irmã dele que rachou a testa dela, rachou mesmo só no murro. Nesta semana um bateu na mulher dele e com um murro cortou o rosto dela pegou uns cinco pontos. Geralmente eles batem no rosto delas. Há muitos casos de atendimento por espancamento, geralmente uma vez por mês chega mulher machucada aqui para atendimento. Os cortes são quase sempre rosto, pegam de 4 a 5 pontos, corta retinho, fica parecendo que cortou com faca. Tem uns bêbados que são mais violentos, tem uns que são agressivos até com agente, tem um que queria quebrar a garrafa em minha cabeça – Eles estavam assistindo um jogo e um deles estava bêbado, ele estava falando na língua e eu achei que ele estava falando com os outros. Então ele veio em cima de mim e falou: - você não quer conversar comigo só por que eu tou bêbado. - Eu falei não, então vamos conversar. Ele veio em cima de mim com uma garrafa pra quebrar em minha cabeça, os outros que tiraram ele, e me mandaram ir embora da aldeia porque se não ele iam me bater (Auxiliar de enfermagem, aldeia Macaúba).

O estupro coletivo também praticado por homens bêbados, contra as meninas, geralmente adolescentes, é mais um dos casos de violência que se pode evidenciar nas aldeias Karajá. Por ser uma prática culturalmente justificada, em casos de desrespeito quando uma mulher infligem alguma norma, como entrar na casa do Aruanã, andar por caminhos impedidos pelos homens ou tocarem na saia do Aruanã quando estão dançando, em outras situações decorrentes do álcool, os homens aproveitam das normas culturais estabelecidas para legitimar seus atos de violência.

Muitas mães relataram-me que suas filhas, ou outras meninas da aldeia são vítimas dessa violência, dizem que os homens chamam as meninas para beber, levam elas para o mato, afastado da aldeia, dão cachaça ou outras drogas para elas, e quando elas estão embriagadas, eles fazem filas de homens para transarem com elas. Afirmaram que tem casos em que agem de maneira muito cruel e deixam as meninas muito machucadas, que precisam ser levadas para atendimentos de saúde em hospitais.

A prostituição é outro componente da sociedade nacional de que as mulheres Karajá são vítimas. Desde as décadas de 60, 70, com o incentivo ao turismo na região do Araguaia e a construção do hotel JK, nas proximidades da aldeia Santa Isabel, elas foram inseridas nas redes de prostituição local. E, juntamente com o álcool, deu lugar à entrada de Doenças Sexualmente Transmissíveis nas aldeias Karajá.

Somado ao consumo de álcool e outras drogas, a prostituição é um problema grave que atinge a mulher Karajá, em decorrência do contato com os não-índios. São mais atingidas as ladeiras que localizam-se mais próximas às cidades como: Macaúba, Santa Isabel, Krehawã. Muitas



meninas são aliciadas por não-índios, moradores nestas cidades, donos de casas de prostituição, onde são brutalmente violentadas e exploradas, muitas vezes somente em troca do álcool e outras drogas. Voltam para a aldeia, embriagadas, famintas e doentes.

Fiquei indignada diante de relatos de crueldades praticados contra essas meninas, feitos por mães Karajá e por pessoas moradoras da cidade. Em um deles, contaram que homens não-índio, em São Félix do Araguaia, teriam pegado uma jovem Karajá bêbada, nas ruas da cidade, a violentaram e depois encheram sua vagina de pimenta. Muitas pessoas afirmaram que as autoridades locais foram informadas do caso mas que ninguém fez nada no sentido de punir os violadores.

A sensação que se tem diante dos fatos, é que a violência contra a mulher Karajá tanto praticada pelos próprios índios nas aldeias, quanto por homens não-índios nas cidades, parece que se tornou uma coisa “naturalizada”, ou seja, é de conhecimento das pessoas e instituições que prestam trabalhos nas aldeias, mas ninguém faz nada. É uma sensação de total impunidade e pelo que parece, existe a visão de que muitos acham que são as mulheres Karajá quem estão no lugar errado e que os violadores não cometeram nenhum crime. Tomando por base, a pesquisa que realizou junto a violadores, pela Universidade de Brasília, Segato sugere que: *“Para muchos, en lugar de un crimen, la violación constiye una punición, y el violador, en lugar de un criminal, muchas veces se percibe a sí mismo como un moralizador o un vengador de la moral”*. Como Segato observou, parece que nesse contexto, a violação é vista como um “ato disciplinador” contra a mulher indígena, que deveria estar em sua casa e não andando embriagada pela aldeia ou pelas ruas da cidade, que merece ser punida por estar onde não deveria.

As mulheres Karajá relatam esses casos com muita tristeza e indignação. A pergunta que se faz é até quando elas vão ficar submetidas a esses absurdos atos de violência? Muitas vezes, mesmo em contextos diferentes, como no caso de ingestão de bebidas alcoólicas e outras drogas, são justificados em nome da cultura. E, nesse caso, em se tratando de cultura, as decisões estão nas mãos dos homens. Haverá algum dia interesse dos homens em promover mudanças?

Penso que é necessário muito debate sobre esse assunto nas aldeias Karajá, pela necessidade de refletirem sobre a importância de manter leis tradicionais, mas as que contribuem para a melhoria da qualidade de vida tanto de homens quanto de mulheres. Diante do cenário em que estão vivendo hoje, com a mudança de estilos de vida, com a entrada de muitos elementos da sociedade ocidental que interferem negativamente em suas estruturas culturais e sociais, algumas leis também devem ser reordenadas e readaptadas, e não servirem como mais um instrumento que interfere negativamente na vida das pessoas.



### *Referências Bibliográficas*

- ARAUJO, Emanuel. *A Ferro e Fogo: Formas de Violência no Brasil Colonial*. In CANCELLI, Elizabeth. (Organizadora). *História de Violência, Crime e Lei no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- BALDUS, Herbert. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade; Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Roberto de Oliveira, *O Trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Editora UNESP, 2000.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Os filhos do Araguaia: Reflexões etnográficas sobre o Hetohoky Karajá, um rito de iniciação masculina*. Dissertação de mestrado em antropologia: Universidade de Brasília, 1991.
- JUNQUEIRA, Carmen. *Sexo e Desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga*. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist e LAMPHERE, Louise. Introdução. In: *A mulher a cultura a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero e Patriarcado: Violência contra mulheres*. In: *A mulher Brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementares de la violencia – 1ª ed.*-Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2003.
- TORAL, André Amaral de. *Cosmologia e sociedade Karajá*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1992.
- TORRES, Maristela Sousa. *Interculturalidade e Educação: um olhar sobre as relações interétnicas entre alunos Iny e a comunidade escolar na região do Araguaia*. Dissertação de Mestrado. Cuiabá – UFMT/IE, 2004.